

RUMO AO DESERTO DO ATACAMA



Ignacio Dalcim

Ignacio Dalcim

Rumo ao deserto do Atacama



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2013

Ignacio Dalcim

Rumo ao deserto do atacama

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetoportunofundo.com.br
e-mail para contato: projetoportunofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-Compartilhual 3.0 Nao Adaptada.

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 07/05/2013

D138r Dalcim, Ignacio
Rumo ao deserto de Atacama [recurso eletrônico] /
Ignacio Dalcim. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo,
2013.

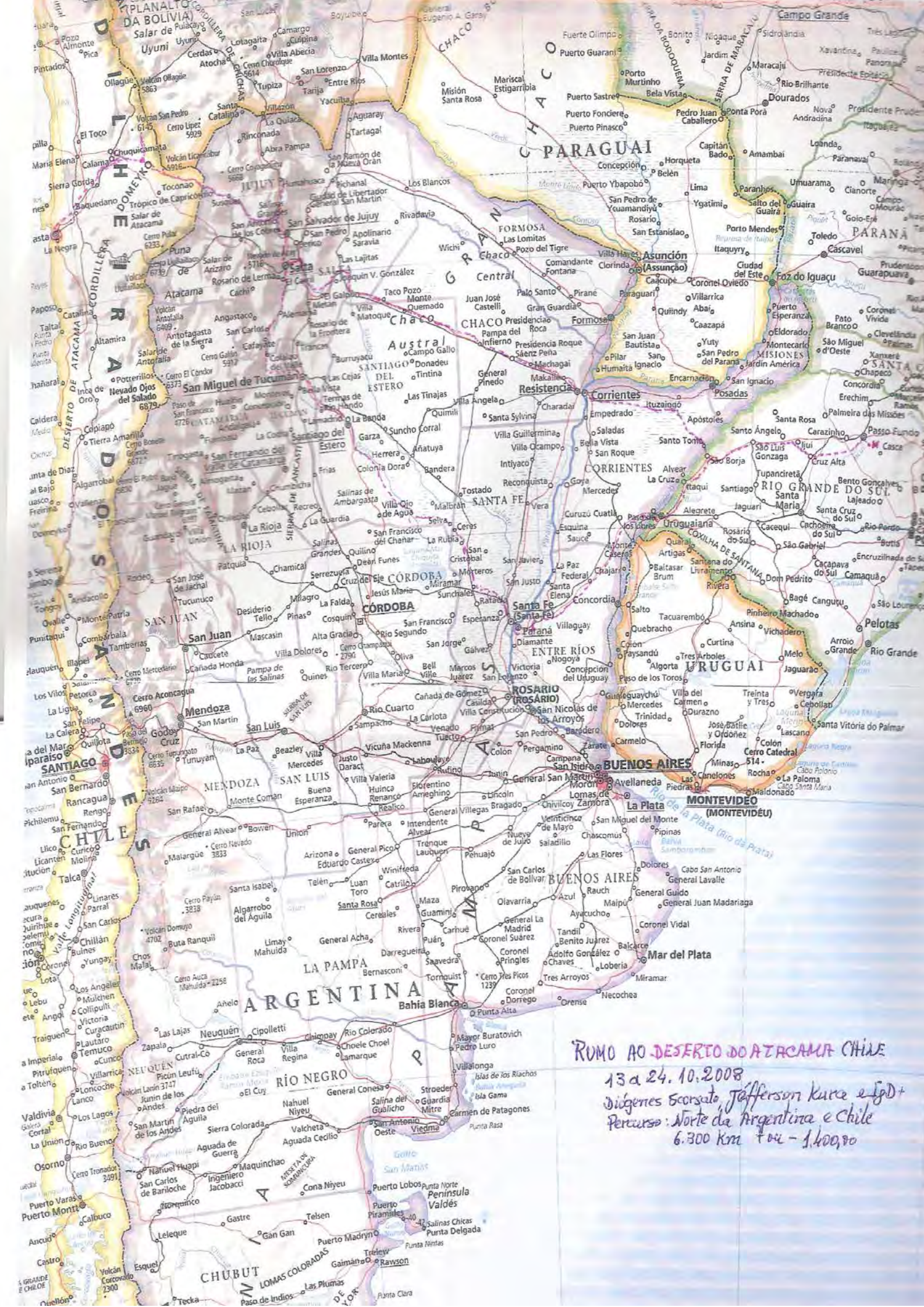
E-book (formato PDF).
ISBN 978-85-64997-96-7

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetoportunofundo.com.br>>.

1. Diários – Descrições e viagens. 2. Atacama,
Deserto (Chile e Peru). 3. América do Sul – História.
I. Título.

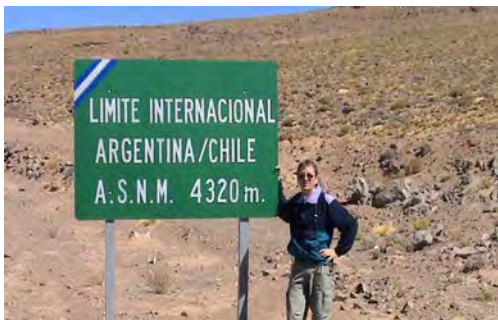
CDU: 910.4(83:85)

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

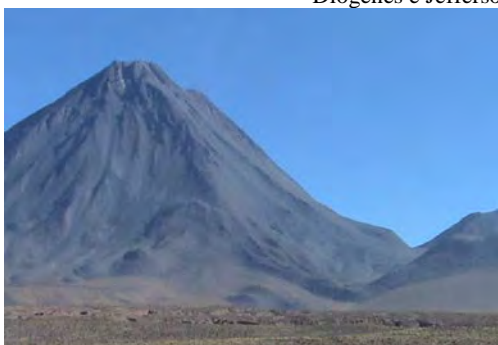


RUMO AO DESERTO DO ATACAMA CHILE
13 a 24. 10. 2008
Diógenes Scorsato, Jefferson Kurze e Jgd+
Percurso: Norte da Argentina e Chile
6.300 Km + 44 - 1.400,00

RECORDAR É VIVER



Diógenes e Jefferson eliminando o stress



Licancabur (5.690 m) – sem neve



Geygers del Tatio fumegando (-12,5°C)



Aspectos do Valle de La Luna



“Anfiteatro”



Norte da ARGENTINA e DESERTO DO ATACAMA

SALTA - Jujuy - Tilcara - Humahuaca - Purmamarca – San Pedro de Atacama
Geigers del Tatio - Valle della Luna – ANTOFAGASTA- CALAMA - Mina de
Chuquicamata - Cafayate – Tafi del Valle - Tucumán - Santa Fé/Paraná.

*“O imprevisível fascina, às vezes amedronta,
sempre surpreende e deixa marcas que o
tempo não consegue apagar”*

Presbítero

Toda criança merecia um dia assim: sol, céu azul, clima agradável, um 12 de outubro perfeito. Mas o Seu Atílio, que fora criança bem antes de todos nós, nos seus 90 anos, estava na Emergência do Hospital São Vicente de Passo Fundo, repondo sangue perdido com uma *diverticulite*, consequência da frustrada cirurgia de cataratas, no Banco de Olhos da UPF. A viagem do Trio fora naturalmente adiada. Meus irmãos, Hilário e Ilse, me incentivando para que partisse com meus companheiros na madrugada do dia seguinte. Nos poucos minutos que estive com meu pai, na Emergência, apesar da má impressão que forçosamente nos causa o ambiente, tive a garantia dos médicos de que o “Cacique” estava fora de perigo. Beije-lhe a fronte e decidi partir. Meus irmãos se comprometeram de cuidar de nosso bom pai e voltei com a querida Lenita para Marau.

DIA 13.10: Seg-feira: San Tomé - G. Virasoro - Corrientes - Resistência.

Enquanto observava o Jefferson Kura embarcar sua velha mochila dos tempos de escotismo no Golf do Diógenes Scorsatto, eu imaginava como estaria Seu Atílio ali bem perto da Matriz da Conceição. Já eram 7 horas quando estávamos na BR 285 rumo a Santo Ângelo, local de nosso desjejum.

À medida que avançávamos na direção oeste, o horizonte foi se cobrindo de nuvens cada vez mais densas e em pouco tempo entrávamos na primeira de uma série de tempestades. Daí por diante escureceu tanto que a noite parecia ter retrocedido ou se prolongado até por volta do meio-dia. E assim, cruzando pelo Rio Uruguai (São Borja/San Tomé) com chuva e vento, chegamos a mal cuidada Virasoro para um precário almoço no mesmo restaurante visitado em fevereiro deste 2008.

E a viagem prosseguiu entre chuvas e relâmpagos, escuridão, granizo e ventos, até bem próximos de Corrientes. Decidimos procurar por um hotel no centro da cidade, porém, depois de sermos abordados por dois desavergonhados policiais de azul, mudamos de idéia. Eles nos viram dobrando à direita com o sinal amarelo e queriam que pagássemos 600 pesos de multa. Talvez importunados pela chuva, acabaram aceitando *22 platas do nosso caixa*. Escandalizados com tamanha ousadia, depois de perambular pelas *calles* semi-desertas, neste feriado retroativo do *Dia de La Raza*, atravessamos o rio Paraná e nos embrenhamos na desconhecida Resistência.





Ponte sobre o rio Paraná – Corrientes



No dia seguinte após os 1ºs mil kms

Andando em meio à planura desta cidade rebeirona, o Jéfferson, que fora escoteiro nos velhos tempos quando monitorava grupos de jovens pelo canyon do Itaimbezinho, deu provas de seu apurado senso de localização. Só depois de desembarcar nossas malas no Hotel Colón, é que nos demos conta de que era este justamente o hotel recomendado pelo casal Leandro e Claudia Colussi. Como ainda era bastante cedo para jantar, decidimos explorar a cidade que estava praticamente *cerrada*, devido ao tradicional feriado dos povos castelhanos da América. O jantar foi nossa segunda refeição precária deste *Dia de La Raça*. Os mosquitos não deram trégua durante a noite barulhenta e acordamos com a mesma desconfiança: “Nossos hermanos devem estar enganados? Corrientes não deve ter os 700 mil habitantes de que falam e Resistência não pode ter o dobro da população de Passo Fundo”. A menos que nesta cifra estejam contabilizadas as sereias do rio Paraná! E no Colón ficaram as primeiras de uma série de cuecas velhas abandonadas ao longo do caminho.

DIAS 14 e 15: La Escondida - Saenz Peña - Monte Quemado - SALTA.

Para quem tinha tanta fome, após presenciar tantos cabritos ao longo da planície verde quase desabitada e de pouco movimento, *Rancho Grande*, próximo de Monte Quemado, foi melhor do que a encomenda. Jefferson e Diógenes, depois da *parillada de cabra e mucha cerveza*, confiaram-me o volante pela primeira e única vez, enquanto ambos se entregaram nos braços de Morfeu, que por certo não sabe quem dos dois ronca mais.

A monotonia das retas intermináveis cercadas por capoeiras que impedem a visão da planície para além da *carretera*, só foi interrompida por um pelotão de boinas verdes que nos fizeram parar ... desta vez apenas para revistar a bagagem. No fim da tarde a paisagem foi mudando e, com a ondulação do terreno, surgiram as primeiras curvas. De repente topamos com um mega confinamento bovino, com campo de aviação e a presença de um helicóptero ao lado de uma *vila*, o que motivou conjecturas fantasiosas sobre a vida de seu proprietário. Estávamos nas proximidades de Joaquim González.

Mais adiante, depois de cruzarmos por um “grande” rio seco, o primeiro de muitos que haveríamos de encontrar ao longo do percurso de nossa viagem, uma espécie de miragem tomou conta de meus companheiros. Eles começaram a discorrer sobre o tamanho do “lago” que estavam vendo ao longe... A muito custo consegui convencê-los de que o tal de *lago dourado* era um belo trigal pronto para ser colhido. Cá com os meus botões eu me perguntava: *o que será que eles vão ver quando chegarmos ao deserto do Atacama?*



Ao ingressarmos na Ruta 34, auto-estrada sem pedágios, o trânsito se intensificou. Já no final da tarde, chegamos a General Güemes e desviamos para Salta, admirados da quantia de cana-de-açúcar plantada na planície que se estendia ao pé das primeiras montanhas andinas.

Pelas 18 h chegamos à entrada de Salta e paramos na primeira *Estación de Servicio*, a mesma de que nos havia falado o seu Alférico Balardin. Dali, enquanto os dois companheiros tomavam um cafezinho *salgado*, telefonei para um tal de Willi (Florindo Herrera Salomon). Seu Balardin nos incumbira de lhe entregar uma caixa com sucos de maracujá, matéria prima para “apreciadas caipirinhas”.

Willi, ainda nosso ilustre desconhecido, apareceu a bordo de um Sandero e em seguida nos envolveu com sua singular simpatia. No curto trajeto até a *Plaza 9 de Julio*, centro de Salta, onde nosso mais recente amigo trabalha, seu Willi, resumiu em poucas pinceladas sua trajetória de vida fascinante, desde sua orfandade aos 8 anos até a preocupação do momento presente quando se prepara para repatriar 750 mil dólares aplicados nos States em crise.

Depois de visitarmos o belo centro histórico de Salta, enquanto seu Willi ultimava negócios no câmbio, fomos levados para sua casa, onde nos preparou matambre de *cerdo* (o bicho que o Scorsatto comprara por cervo em Aisen, Chile, fev/2007). Além do jantar, Willi e Silvia nos brindaram com duas noites de pousada, hospitalidade pra lá de gaúcha.



Seibol e San Lourenzo



Vista panorâmica de Salta

No dia seguinte Silvia, que vinha se recuperando de uma cirurgia de prótese no fêmur, apoiando-se em sua bengala nos levou por diversos pontos turísticos de Salta: *Reserva Natural San Lourenzo*, onde aprendemos que o *Seibol*, nossa corticeira (*sananduva* em guarani) é a árvore símbolo de Salta; Mercado de artesanato (antiga residência de Hernando de Lerma, fundador da cidade, 1582); O Teleférico, que nos conduziu ao topo do Cerro San Bernardo, de onde se desfruta uma vista panorâmica de Salta com seus mais de 700 mil habitantes, situada no fértil e agradável *Valle de Lerma*, a 1.187 m de altitude; O centro histórico, com a majestosa Catedral Basílica dedicada ao Senhor e à Virgem dos Milagres, abrigo do Panteón dos heróis do Norte (generais Martin Miguel de Güemes, Antonio de Arenales e Alvarado) e outros.





Salta desde o cerro San Bernardo

O casario em volta a *Plaza 9 de Júlio*, com sua arquitetura hispânica do século XIX, é atrativo para muitos turistas vindos de Buenos Aires ou procedentes de diferentes pontos da América e até da Europa. Cada vez mais brasileiros estão descobrindo esta jóia de cidade de clima agradável e muitos hotéis.



La Plaza 9 de Julio – centro de Salta



em frente à Catedral

Um conjunto musical indígena do Equador, coloridamente vestido e enfeitado com penas de condor, fazia ecoar de suas quenás, flautas e enormes zampognas, músicas andinas de primeira qualidade. Por algum tempo nos *quedamos* para ouvir, filmar e dar asas ao pensamento. Junto aos estranhos e curiosos que os rodeavam, viajamos pela Cordilheira dos Andes e nas azas do tempo, imaginávamos a vida no Império Inca.





Conjunto Equatoriano junto à praça Nove de Júlio

O Museu Histórico no interior do antigo Cabildo, tendo como principal atrativo *la niña e el niño*, múmias encontradas quase no topo do LLullaillaico (6.739 m), na fronteira com o Chile, onde antigos indígenas realizavam seus ritos religiosos, também contribuiu para que excursionássemos pelo espaço andino.

Andando pelos calçadões do centro da cidade deparamos com um Cassino 24 horas, onde o Jefferson tentou repetir a façanha de Puerto Iguazú, quando ganhara 100 dólares, mas desta vez a sorte não deu as caras. Na Argentina, como no Chile, os cassinos estão por toda parte. Eram 10 horas da manhã e um bom número de jovens e idosos estavam metidos na jogatina.

Salta tem também o seu ponto fraco: fazia muito tempo que não víamos tantos pedintes.

DIA 16 – QUINTA: Jujuy – Tilcara e Humahuaca.

A ressaca, arranjada pelos meus companheiros na *noitada* anterior, não impediu que partíssemos razoavelmente cedo para Jujuy. Uma garoa persistente nos acompanhou durante todo o trajeto, pela tortuosa rodovia antiga, em meio às montanhas cobertas de vegetação. O Willi nos havia prevenido sobre os perigos deste caminho, mas, fartos de planícies, decidimos aventurar... Foi assim que conhecemos os famosos diques: *Cienaga del Carmen* e outros. Também nos impressionou a quantia de fumo plantado ao longo do caminho até Jujuy.



Coleta de “ripio” no leito do rio



pela antiga estrada Salta-Jujuy





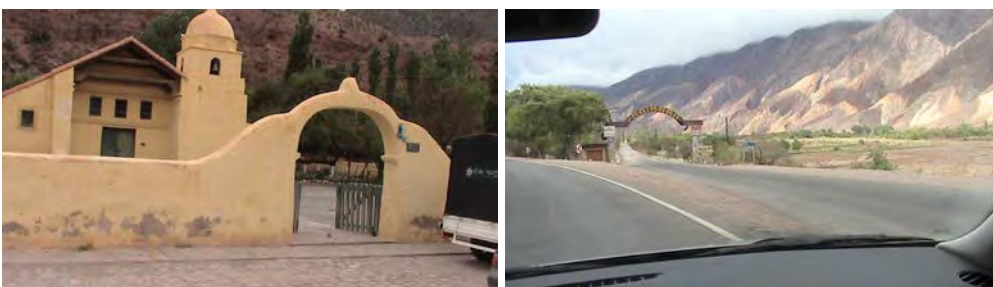
Represa para irrigação e consumo compensando a falta de chuvas

Ainda sobre a Ruta 9, num posto de Informações Turísticas, a informante de plantão nos garantiu de que poucos quilômetros adiante as nuvens desapareceriam e teríamos sol e céu límpido, o que de fato se confirmou. Na antiga Jujuy, com suas *calles angostas* entulhadas de gente e de *coches*, provamos um prato típico da região no *Manas Jujeñas*: carne de *llama*, com *papas* na casca, arroz(?), requeijão, pãezinhos, *ensaladas de cebollas e aceitonas*.



Pelas ruas do Centro de Jujuy

Bastaram alguns quilômetros sobre a Ruta 9, para que as nuvens fossem sumindo a medida em que avançávamos por um vale entre montanhas coloridas, conhecido como *la Quebrada de Humahuaca*. Pequenas aldeias coloniais e ruínas indígenas, como Reyes, Tumbaya, Maimara, Pukara, Tilcara, Humahuaca vão se sucedendo às margens do extenso leito tomado por pedras e um pequeno filete d'água do rio Huasamayo. As muitas barreiras formadas por pedras presas em tela à beira do caminho nos fizeram deduzir de que por certas temporadas o volume d'água deve se centuplicar. Foi o que minha irmã Isabel constatou em fins de janeiro, quando percorreu estes caminhos embarcada na garupa da moto do seu esposo Edinei e em companhia dos amigos Kico e sua esposa Margarete.



Tumbaya

Maimara e o vale colorido

Nossa primeira parada foi na antiga Tumbaya, estacionada no tempo. Recostada nos cerros da beira da estrada, com suas ruas estreitas, a pequena Tumbaya, com sua Igreja e torre de arquitetura achatada e mais o estranho *cementério* plantado lá no alto, por sobre as casas que o tempo preservou

intactas, nos fez regredir aqueles tempos em que tudo isso era Colônia de Espanha. Depois veio Maimara, também com seu cemitério dependurado num cerro, em frente ao qual visitamos um pequeno museu, ao lado de um mini-mercado onde se vendem espécies andinas de batata (*papas*) e milho (*mais*) de cepa pré-colombiana. Esses e outros produtos típicos continuam sendo cultivados e vendidos por humildes descendentes indígenas. Depois, mais adiante, enquanto o Scorsatto adubava do outro lado do Trópico de Capricórnio, Jefferson e eu aventuramos por uma trilha escorregadia ao redor de um cerro de cor avermelhada para *sacar fotos das montanhas coloridas para além de Maimara*.



Maimara e ao longe



na encosta o Cemitério

Em Tilcara engrossamos o já numeroso séquito de turistas que perambulavam pelas ruelas em meio às casas de “estilo pucarense”. Visitamos um dos museus onde se conservam abundantes objetos encontrados na “cidade fortaleza dos pukaras”: urnas funerárias, tecidos, cerâmicas, além de muitos crâneos dos antigos senhores do vale.



Tilcara



utensílios dos pukaras

Passamos o resto da tarde caminhando, cruzando pela ponte seca que separa Tilcara da antiga cidade-fortaleza dos pukaras, o que nos deixou um tanto exaustos, pois não estávamos acostumados à altitude de 2.900 metros. Cerca de cinco km separam as duas cidades. A antiga, estrategicamente situada num cerro avançado sobre o vale, com suas casas de pedras cobertas com fibras de cactos envoltas em barro ressequido, são o que mais de estranho e misterioso existe em toda a *Quebrada de Humahuaca*, uma espécie de Termópolis dos Andes. A nova, Tilcara, com suas casas baixas tentando manter o mesmo estilo arquitetônico dos primitivos habitantes.





Habitações dos Pukaras



e da atual Tilcara



Disseram que estes cactos crescem apenas um centímetro por ano.

Poucas horas antes do sol se esconder por detrás das montanhas, chegamos à cidade de Humahuaca. Aqui, segundo o Willi, é onde acontece o melhor carnaval andino. Por isso, ele já tinha reservado o hotel com pagamento antecipado, afim de não perder os festejos dos “caboclos andinos”, que costuma acontecer na terceira semana de fevereiro.

Antes do sol se por, ainda tivemos tempo de perambular pela cidadezinha episcopal e admirar suas casas achatadas, para se protegerem do vento(?), por entre ruas estreitas e sem calçada. Passamos pela rodoviária, pela praça em frente à “Catedral” e, pensando no dia seguinte, quando haveríamos de atravessar os Andes em direção à San Pedro de Atacama, nos abastecemos no surpreendentemente farto mercado de Humahuaca. Em minhas compras, motivado pela saudade inclui um pequeno *recuerdo* para meus tesouros: Lena e Raquel. Fiquei muito satisfeito em saber, por telefonema com a mana Isabel, que o seu Atílio estava *mui biem, grazias a Diós*.

Depois de um meio-frustrante jantar de *llama no Katarpe*, compensado por belas músicas andinas tipo El Condor Pasa e outras, tocadas por um conjunto típico local, nos recolhemos no hotel *La Soñada*.



La Soñada, com sua arquitetura simples e achatada, como de resto as demais construções deste vale, totalmente diferente aos padrões imaginários de nossos hotéis, nos surpreendeu pela boa acolhida, ordem e limpeza que nos ofereceu. Fomos muito bem acolhidos pela gorda e sorridente proprietária, de quem esqueci o nome, mas imagino que “Rosa” lhe caia bem. O Diógenes gostou tanto que algum dia pretende retornar aqui com a Valdirene. E neste típico hotel de *La Quebrada de Humahuaca*, também deixamos mais um par de “tapa-rabo”.

Dia 17: Purmamarca – Salinas Grande - Paso de Jama – Águas Calientes...

Enquanto a simpática “Rosa” nos acenava desde a porta de *La Soñada*, despedimo-nos de Humahuaca e, voltando ao sul da Linha do Capricórnio, demos início a um novo dia, *um dia de sonhos* para nossos olhos.



Com Diógenes Sacorsatto



Jefferson e a “Rosa de L Soñada





Primeiro os *Cierros de los Siete Colores* de Purmamarca, depois as curvas ascendentes por entre penhascos de cor predominantemente cinza esverdeada, mais acima a passagem por entre as nuvens e, finalmente, o vento frio e seco do início do deserto das alturas de um céu sempre azul.



Fotos das alturas (4.320m), fotos em Salinas Grande, fotos das llamas por 5 pesos, fotos dos tombos do Jefferson e do Scorsatto escorregando no gelo, fotos do antigo vulcão Licamcabur e, enfim, do oásis de San Pedro de Atacama, lá embaixo nos seus 2.800 m de altitude.



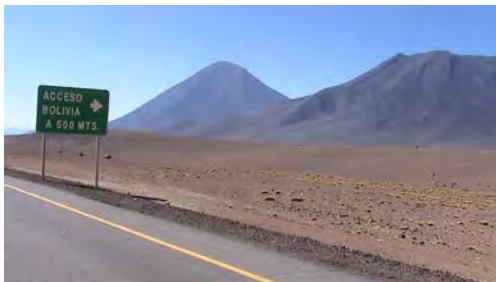


Pastagem das llamas, vicuñas e alpacas



Diógenes e Jefferson eliminando o stress

Mas antes, aqui na fronteira com a Bolívia, sondamos os dois vigias solitários, escondidos numa casa em ruínas, sobre as condições para se visitar Laguna Verde, por detrás do Licancabur. E como não estávamos muito à vontade com o frio, iniciamos a descida, cruzando por muitos *refúgios* (montículos de brita para segurar veículos sem freio) e em pouco mais de 20 minutos a temperatura subiu dos 5°C de vento frio, para 27 °C de poeira. Na aduana, postada na entrada de San Pedro, dois motoqueiros de Florianópolis também se queixaram do frio que enfrentaram pelo caminho. Um deles, seis anos antes havia feito o percurso de bicicleta e disse que agora estavam a caminho de Machu-Pichu.



O Licancabur (5.690m)



montes de brita para contenção dos carros

Em San Pedro de Atacama qualquer casebre vira hotel. Mesmo assim, a muito custo encontramos um *triple mixuruca*, no Katarupé. Depois de jantarmos numa espécie de galpão coberto de capim, onde uma variada amostra da fauna humana se concentrara para saborear pratos típicos da região, meus companheiros de viagem, de uma resistência incomum, ainda perambularam pelas ruas da esquisita cidade do meio do deserto até chegarem ao hotel, onde até próximos à meia-noite, empinaram mais três garrafas de vinho, que *parecia muito barato*.

Eu, que estava com um pouco de dor de cabeça e que sempre pousava no beliche de cima, fiquei encarregado de acordá-los as quatro da matina. O Scorsatto, como sempre, pulou na primeira, mas quem disse que o Jefferson estava a fim de levantar? Mesmo assim, as 4 h e 30 m estávamos no ponto “x”, saída da cidade por onde obrigatoriamente passam as Vans de Turismo com destino aos Geigers del Tatio.

Dia 18: Geiger del Tatio – Valle della Luna – Calama e Antofagasta.

Os primeiros dos 90 km de chão batido pareciam asfalto, depois o caminho foi se tornando sempre mais poeirento, íngreme e cada vez mais frio. O Jefferson cansou de fotografar o termômetro do Golf, que



chegou a registrar - 17 °C. Nos últimos 10 km as costeletas causavam tanta vibração que o carro parecia se desmanchar. Os Geigers del Tatio estão a 4.320 m do nível do mar.

No estacionamento de chegada, além de pagar 5 mil pesos pelo bilhete de ingresso (cerca de 10 US), tivemos que preencher documentos onde isentávamos o Estado Chileno de qualquer responsabilidade por acidentes no perímetro do Parque dos Geigers. Quando chegamos, o clarão da lua estava sendo substituído pela luz do sol que ainda não chegava a atingir o pico das montanhas. Os geigers fumegavam por toda parte, formando colunas brancas que subiam para o alto. Andamos por entre dezenas deles de carro e depois a pé, enfrentando um frio de - 11,5 °C, pisando no gelo que se formava com o respingar da fervura. São geigers de pouca altura, no máximo de um a dois metros, mas impressionantes pela quantidade. Depois de uma hora de caminhada por entre muitos deles retomamos o caminho da volta. Os primeiros raios do sol atingiam os picos dos Andes enquanto a lua ia encolhendo.



Os Geigers del Tatio fumegando

na manhã do dia 18 de outubro

Um pouco além das costeletas e após cruzarmos uma ponte dique de um pequeno lago cheio de marrecos, o carro começou a dançar. Não deu outra, em meio à estrada poeirenta e ao vento frio de uns - 10°C tivemos que trocar um pneu. Comecei a sentir umas cólicas terríveis, talvez provocados pelo frio da altitude. Ainda bem que imitei as llamas e o uso do papel, que o vento fazia questão de roubar de minhas mãos, nem se fez tão necessário.

Enquanto aguardava pelo conserto do pneu, já em San Pedro de Atacama, o borracheiro de uns 50 anos contava de que quando era pequeno o Licamkabur conservava um chapéu de gelo durante praticamente o ano inteiro. Agora estava descoberto, bem diferente daquele das fotos dos motociclistas de Ibiraiaras.

Naquela manhã, de ressaca para a dupla, visitamos ainda el Valle de La Luna e percorremos a vastidão do deserto pela Ruta 23 até Calama, onde almoçamos.



Aspectos do Valle de La Luna

visão do Anfiteatro



Prosseguimos, depois, pela Ruta 25 até Antofagasta, onde nos hospedamos no Hotel Marina, às margens do Pacífico. Enquanto a incansável dupla dava mais uma voltinha pela *urbs* portuária do cobre, fiquei admirando a cidade iluminada, numa bela vista da imensa sacada do 6º andar. Antes de pegar no sono, tive tempo para, em retrospectiva, anotar as imagens do deserto que mais me impressionaram daquele sábado. Imagens às vezes belas, outras *meio belas meio tristes*, como disseram meus companheiros quando paramos na beira da estrada para visualizar as impressionantes paisagens do *Valle de La Luna*; ora téticas como na região das ex-cidades das ex-minas de salitre. Muitas, com certeza, ficarão para sempre na memória.

Dia 19 – DOMINGO: dia de descanso em Antofagasta.



O peixe que o Jefferson queria levar para casa



antes do Chopp mais salgado de Antofagasta

Aos sábados e domingos, a mina de Chuquicamata não está aberta aos visitantes, por isso fomos forçados a um dia de descanso à beira do Pacífico. Valeu a pena conhecer a avenida beira-mar, o centro histórico e os enormes shoppings chilenos. Do hotel avistávamos os trens que passavam carregados de cobre em direção ao novo porto, um pouco mais abaixo deste da foto.



O cobre é transportado por cerca de 200 km até o porto de Antofagasta no Pacífico

Dia 20 – SEG: Chuquicamata, a maior mina a céu aberto

Chuquicamata impressiona pela grandiosidade do buraco cavado pelas máquinas (5 km de extensão / 3 de largura e 1 de profundidade); pelos cerros formados pela terra despejada na vizinhança



pelas 98 tombadeiras gigantes, cada uma com a capacidade de transportar em torno de 300 toneladas de minério cada e pela ex-cidade dos mineiros. Recentemente, atendendo a recomendações internacionais, todos os mineiros passaram a residir em casas confortáveis num bairro de Calama, especialmente construído para eles. Do Chile sai boa parte do cobre consumido no mundo, sendo a China o maior importador nestes últimos anos.



Mina de Chuquicamata de onde é extraído o minério de cobre, que depois é refinado



em tanques d'água

ou por usinas de aquecimento - 1500°C

Nossa última pousada em San Pedro de Atacama aconteceu no Hotel Katarpe, bem melhor do que o primeiro. Decididos a não mais voltar por Toconao e San Antonio de los Cobres, devido à escassez de tempo, e por termos dificuldades nos 120 km de *rípio*, decidimos levantar mais tarde do que de costume e seguimos para Salta, percorrendo o mesmo caminho de ida.

Dias 21 e 22: regresso a Salta e o longo caminho por Cafayate e Tucumán

A maior novidade em nossa viagem de regresso a Salta, nesta terça 21, foi quando avistamos algumas nuvens brancas, ao longe, tentando inutilmente subir os Andes. O deserto das montanhas continuava no mesmo frio seco de sempre. Nosso almoço foi “ala pique-nic” de beira de estrada.





últimos encontros com Willi e família (Silvia e Ezequiel) em Salta

Desta vez nos antecipamos na reserva do Hotel d'Italia, antes de procurarmos pelo Willi, na companhia do qual matamos a sede na *Plaza 9 de Julio*. Mais tarde jantamos com toda a família, ou seja, na companhia de Silvia e do filho Ezequiel. O *triple*, no *Hostal d'Italia*, não tinha beliche nem era dos mais arejados, mas descansei tranquilamente, acostumado com o ronco bimotor ao meu lado. Nesta noite até o Scorsatto se admirou do ronco do colega.

Depois de despertarmos visitamos ainda o Museu do Norte, entre pingos de chuva nos despedimos de Salta prosseguindo, agora, na direção sul, passando por Cerrillos, La Merced, Cnel. Moldes, La Viña, Alemania, pequenos vilarejos de aspecto antigo, talvez dos tempos em que esta região pertencia ainda ao Império Espanhol.

Daqui por diante o caminho torna-se mais tortuoso, sempre acompanhando o rio Calchaqui, que deságua no Dique Cabra Corral. Rio que, pelo menos nesta época do ano, não passa de um tímido filete d'água deslizando por entre as montanhas coloridas do *Valle Quebrada de Las Conchas*. Rochedos de diferentes formatos provocados pela erosão eólica e hídrica do tempo, assumem figuras de nomes curiosos como: *Garganta del Diablo*, *El Anfiteatro*, *El Sapo*, *El Fraile*, *El Obelisco*, *Los Castillos*. Ao viajarmos por entre estas montanhas de terra queimada e de poucas plantas ressequidas, tem-se uma sensação de abandono, de angústia e desespero, sentimentos provocados, talvez, pela poucas chances de vida que a paisagem oferece.



De Salta a Cafayate através do Valle



Quebrada de Las Conchas

Quando tomamos acento no Restaurante *El Criollo*, em Cafayate, estávamos famintos. Devoramos um cabrito e meio, enquanto o som irritante de um pistão mistura-se às vozes de dezenas de famintos de



diferentes idiomas. Cafayate, com seus vinhos de sabor único, devido ao solo e a altitude (1.756m) atrai adeptos de Dionísio (Baco) de várias partes do mundo.

Depois visitamos a famosa Bodega Echart, nome que lembra o francês que aqui plantou as primeiras videiras no século XVIII, agora moderna e requintada. Nas bodegas em frente compramos mais garrafas de vinho, colocando algumas aos nossos pés, pois o porta-malas estava repleto de vinhos chilenos, a maioria comprados pelo Scorsatto em Antofagasta. Eu só comprei dois *torrontés* brancos, um deles de nome *Pecado*, que decide levar de presente para Lena.



Em busca dos famosos vinhos desta região



Torrontés e outros “pecados”

Fizemos algumas fotos dos verdes parreirais que contrastam com os montes ressequidos e partimos na direção sul, ainda pela Ruta 40 até Amaicha del Valle, de onde prosseguimos pela Ruta 307. Então começamos a subir por um caminho tortuoso e asfalto bastante danificado. As curvas e o desviar de cada buraco me jogavam de um lado para o outro, eu que viajava no acento de trás, e o fundilho esquentou tanto, que à noite precisou da hipoglós da farmácia do Jefferson. Mas a paisagem do que chamam de *Abra El infernillo*, era interessante: muita pedra, agora de cor acinzentada; um filete d’água descambando por entre o desfiladeiro; uma flora praticamente reduzida a vegetação rasteira e alguns cactos; algumas ovelhas, burros a maioria pretos; subindo e esfriando sempre mais até passarmos pela neblina do quase topo das montanhas do *Macizo del Aconqueija*.



Originalidade em Cafayate e os Serros de *Abra del Infernillo*(?) do *Macizo del Aconqueija*

Do outro lado a paisagem se transforma, se torna mais verde. E então se chega a *Tafi del Valle*, região turística da província de Tucumán. Depois o caminho prossegue cada vez mais tortuoso, sempre acompanhando o rio Santa Maria que despenca na serra coberta pela mata. Serra esta que, segundo o Roberto Mikkelsen, argentino residente em Marau, serviu de abrigo aos perseguidos pela ditadura militar



de Vidella. Numa curva do caminho o monumento ao Índio, semelhante à figura de São João Batista às margens do Jordão e, noutra mais adiante a placa *Fin del Mundo*.



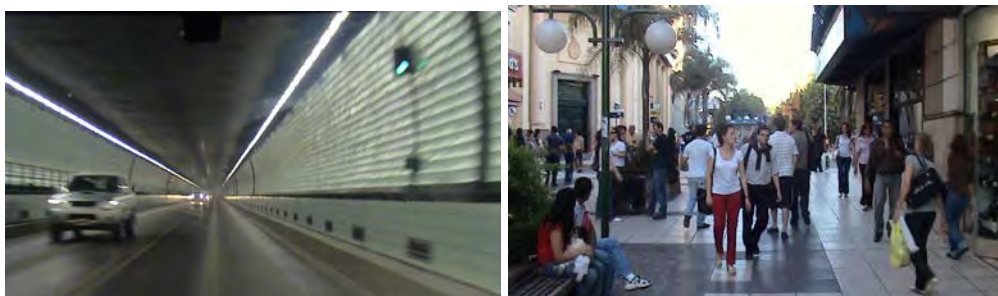
De Tucumán para Santiago del Estero - Pousada em Rio Hondo

Depois de muitas voltas chegamos a San Miguel de Tucumán com as primeiras luzes se acendendo e na hora do tráfico mais intenso. O cansaço nos deixou prostrados e com pouco humor para decidir se deveríamos seguir adiante ou pernoitar. Demos umas duas voltas pela praça central e o Scorsatto e eu formamos maioria e optamos por aquilo que o Jefferson classificou de *programa de índio*, seguindo em busca da saída para Santiago del Estero. Tucumán me pareceu feia, suja, bem diferente da que tinha visto em 1982, quando retornava da Bolívia com o então estudande Cláudio Prescendo.

Mas a causa principal do *stress da dupla colorada* foi o medo de perderem de assistir pela TV o jogo Inter x BocaJunior. Depois de um longo silêncio, seguindo sempre em alta velocidade pela Ruta 9, a presença de policiais num posto de pedágio nos deixou alertas. Além do susto recebemos folders exaltando as propriedades das Termas de Rio Hondo e, minutos depois, um suspiro de alívio e contentamento: o Hotel Florência, justamente aquele que o Willi nos havia recomendado, estava ali diante de nossos olhos, talvez uns 150 km antes de Santiago del Estero. E, para delírio dos colorados, o Boca foi engulido pelo Saci.

Dia 23 e 24 – QUI e SEX: Santiago del Estero – Santa Fé/Paraná – Marau.

Cruzamos pelo centro de Santiago del Estero, mas não paramos em lugar nenhum, pois queríamos chegar cedo do outro lado do rio Paraná, o que aconteceu no entardecer. Mas antes tivemos que fazer muita estrada pelas planuras desta região bastante fértil e diferente de tudo o que tínhamos visto até então. Finalmente passamos pelo *túnel por baixo do rio Paraná* e pernoitamos na cidade do mesmo nome, que os *hermanos* afirmam ter mais de 300 mil habitantes.

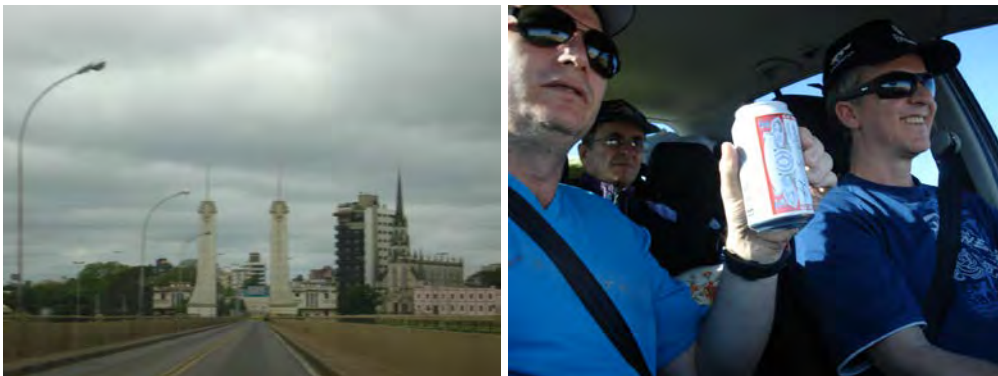


Túnel sob o rio Paraná

Calçadão da cidade de Paraná

Os hotéis estavam lotados pelos fãs de uma tradicional corrida de automóveis a realizar-se naquele final de semana. No hotel San Jorge tivemos o nosso último café com *leche e medias lunas*, onde descartamos a última das cuecas/*taparabos*, como diziam os povos andinos. Pelas 7 h já estávamos na Ruta 12, depois veio a 127 e a 14, que está sendo duplicada. Já próximos de Paso de los Libres um guarda gordo, no meio da pista, nos fez parar ao seu lado e nos disse sem rodeios: “*Vocês sabem que costumamos pedir ajuda...*” Deixamos os últimos pesos/moedas dentro de sua mão estendida e prosseguimos ansiosos para ultrapassar a fronteira.

Enfim a Ponte da Amizade, Uruguaiana à vista e o retorno à fartura dos restaurantes do pampa gaúcho.



Ponte da Amizade – Passo de Libres/Uruguaiana e a alegria de voltar ao pago

O Scorsatto me fez lembrar de nosso velho cavalo baio que costumava acelerar à medida que se aproximava de nossa casa. Já no Brasil, fizemos uma média superior aos 100/horários (nada a ver com cerveja). Depois de termos deixado o Jefferson e seus vinhos na garagem do prédio em que mora, ao lado da Igreja da Conceição em Passo Fundo, chegamos na Marau, *terra bendita* de nossos familiares, às 20 horas.

Lena e Raquel me esperavam ansiosos e eu não via a hora de saber notícias de seu Atílio que, felizmente, deu a volta por cima e retornara às caminhadas pelas ruas da “terra da batata”. Fiquei particularmente emocionado com o cartão de “FELIZ VOLTA”, preparado pela Raquel. O *toquinho* estava com saudades dos “mamã” preparados pelo *paizão*.

O escoteiro Jefferson provou ser um bom companheiro, daqueles que enfrentam com serenidade e até com bom humor os imprevistos de viagem. E o Diógenes repetiu a performance de outros tempos. Em 12 dias de viagem percorremos pouco mais de 6 mil km. As variadas e impressionantes paisagens que presenciamos neste recanto norte dos *hermanos* argentinos e chilenos, continuam a desfilarem em nossas mentes e, por certo, a medida que nos afastarmos no tempo, mais saudades teremos delas.

Concluo este breve relato com o desejo de que o mesmo, no futuro, dê uma mãozinha a nossa memória para que possamos recordar das múltiplas paisagens com renovada satisfação.



Agradeço aos companheiros de jornada, aos familiares e em especial ao seu Atílio que, com certeza, tem nos acompanhado com suas preces.

Deus seja louvado!

dalcimignacio@portalnet.com.br

Marau 31 de out de 2008.





Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br

Uma viagem pelo norte da Argentina e do Chile é bem mais fácil e, provavelmente, bem mais barata do que você imagina. Além de paisagens de tirar o fôlego, como as montanhas coloridas do Vale de Humahuaca, de salinas, lagos, geigers, em meio às montanhas dos Andes, de minas de cobre, como a de Chuquicamata em Calama, você entrará em contato com povoações e cidades coloniais como Salta, Jujuy, San Pedro de Atacama, Antofagasta, Tucumán e outras.

O autor

